

Fotos Dida Sampaio/AE



Índios acompanham 3.º dia de julgamento do caso Galdino: venda de artesanato fora do tribunal para pagar estadia em Brasília

Médica nega versão dos réus no caso pataxó

No hospital, índio afirmou que só usava jeans, camisa e chinelo e não tinha cobertor

MARIÂNGELA GALLUCCI
MARIANA PEREIRA
e EDSON LUIZ

BRASÍLIA – A médica Maria Célia Martins Bispo, que atendeu o índio pataxó Galdino Jesus dos Santos, em 1997, disse em depoimento ontem ao Tribunal do Júri que ele chegou lúcido ao Hospital Regional da Asa Norte, garantindo que usava apenas calça jeans, camisa e sandália havaiana quando foi queimado. Ele não estaria enrolado em um cobertor. O julgamento, que começou na terça-feira, deve terminar na madrugada de sábado.

A médica sugeriu que, pela extensão das queimaduras, foram usadas mais do que gotas de álcool para atear fogo ao índio. “De início, pensávamos que alguém lhe havia atirado um coquetel molotov (garrafa cheia de combustível com um pavio aceso)”, revelou Maria Célia, incluída recentemente na lista de testemunhas.

A médica contou que Galdino tinha queimadura de terceiro grau (atinge todas as camadas da pele) em 85% do corpo e de segundo grau (mais superficial, com bolhas) em 10%. “Quando o paciente chegou, todos da unidade sabiam que ele evoluiria para o óbito”, disse.

Cabisbaixos, os acusados cobravam os olhos, a cabeça e mexiam as pernas e braços mostrando inquietação durante o depoimento da médica. Na terça-feira, eles tinham dito à juíza Sandra de Santis que ape-



Foto de corpo de pataxó morto chocou irmã: faixa foi pisoteada

nas gotejaram álcool em uma coberta que estaria sobre Galdino. O objetivo, segundo eles, era dar um susto no índio que dormia em um ponto de ônibus. “Não tinha nenhum material sintético na vítima”, garantiu a médica.

Além de Maria Célia, o chaveiro Nairo Euclides Magalhães e sua amiga Tatiana Barroso Barreiras, que chegaram ao local do incidente no momento em que Galdino estava em chamas, negaram que havia um cobertor sobre o corpo. “Nós vimos uma tocha de fogo na parada”, disse Nairo, acrescentando que o ponto de ônibus também estava em chamas.

Ele, que preferiu depor sem a presença dos acusados, contou que foi possível apagar o fogo apenas com extintor de incêndio, tal a intensidade da chama. Antes de socorrer o índio, o

casal seguiu o carro no qual estavam os acusados e anotou a placa do veículo, o que permitiu a identificação dos responsáveis pelo crime.

Manifestação – Do lado de fora do tribunal, Marilene, irmã de Galdino, perdeu o controle ao ver fotos do cadáver

PONTO
DE ÔNIBUS
FICOU
EM CHAMAS

do irmão. Ela disse que não imaginava que Galdino tivesse sofrido tanto. Depois, pisoteou uma faixa de apoio aos acusados que tinha sido colocada no tribunal. Na faixa estava escrito:

“Novély, Max, Eron e Tomás não percam a esperança. Justiça é responder pelo ilícito que se cometeu e não atender ao clamor público. Seus amigos, estudantes de direito.” Enquanto Marilene protestava, parentes de Galdino vendiam artesanato para custear a estada dos índios em Brasília.

Amigo diz que acusado conhecia perigos do fogo

BRASÍLIA – Humberto Borges, amigo de Eron Chaves de Oliveira, um dos quatro acusados de matar o índio pataxó Galdino Jesus dos Santos, prestou um dos depoimentos mais comentados ontem à tarde no Tribunal do Júri. Ele contou que, nos churrascos de confraternização, Eron era o responsável por acender a churrasqueira. Segundo os acusados, foi ele quem jogou álcool sobre o corpo de Galdino no dia 20 de abril de 1997.

Ao ser questionado se o amigo conhecia os perigos de mexer com o fogo, Borges garantiu que sim, porque, sempre antes de acender a churrasqueira, Eron pedia para que o filho do colega se afastasse.

Além de Borges, os advogados de defesa dos quatro jovens selecionaram testemunhas para falarem sobre as qualidades dos réus. Advogado de Antônio Novély Vilanova, Heraldo Paupério fez questão de revelar publicamente que Beatriz Guimarães Lins Santos insistiu em depor no Tribunal do Júri apesar de estar com sérios problemas de saúde. Ela disse que considerava Novély como um filho.

A defesa dos réus selecionou o agente penitenciário Brás Justino da Costa para contar a rotina de Eron, Novély, Tomás de Almeida e Max Rogério Alves no Núcleo de Custódia de Brasília. Segundo Costa, os rapazes sempre se mostraram obedientes na prisão. (M.P., E.L. e M.G.)